

O POVO D'OVAR

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600
Fôra do reino acresce o porte do correio.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dons exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Anuncios e communicados a 50 rs. a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha.
Anuncios permanente 5
Folha avulsas..... 40 rs.

O indifferentismo do povo

Desde 1820 os partidos da opposição, revolucionarios ou absolutistas, demócratas ou conservadores, no momento da lucta, não cessaram de apelar para o povo, condemnando-lhe o indifferentismo, accusando-o de inerte perante a ruina das finanças publicas, chamando-o ao seu lado onde ha apenas moralidade, grande desejo de fazer economias.

Levanta-te, povo! acorda do teu somno! eis as exclamações continuadas que, ha mais de meio seculo, vem de bocca em bocca dos oradores demagogos, dos folcloriarios petroleiros.

E o povo, o eterno explorado por todas as politicas revolucionarias ou absolutistas, demócratas ou conservadoras, ao ouvir os tribunos da plebe, ou ao ler os jornaes vermelhos d'indignação contra os governantes, abre-se n'um sorriso d'ironia, encolhe os hombros com despezo, e vai para casa tratar da agricultura fructificante, ou do commercio renumerador, acalentando-se na doce paz da familia.

Elle lembra-se bem de quantas vezes tem sido exposto a combates mortíferos, de quantas vezes tem arriscado a vida para salvar a patria empobrecida, arrazada pelas dissensões dos politicos e pelo devorar dos grandes ambiciosos; e contudo esses por quem combate procedem ainda peor, mudam de rumo, levam atraz de si a mesma cauda de famintos, renegam os principios por que combateram, unem-se e fazem accordos com os inimigos da vespôra.

O povo, essa massa para a qual apelavam, a unica que soffreu, deixando no seu seio milhares d'orphãos, centenares de viuas, esse aborrece-se, odeia-se até porque muitas vezes, no fim da lucta nem causou estorvos.

Muitos factos confirmam a verdade das nossas asserções. Esses factos foram d'hontem, são d'hoje e serão d'amanhã, porque os politicos são sempre os mesmos, os partidos trilhão a mesma verdade, sejam os programas mais ou menos pomposos.

Que importa a indole de cada chefe? ella tem de ceder perante a communiidade, o globo do partido, o grupo de pedintes que espera ansioso, de bocca aberta.

Quem se não recorda do enorme alarido, da quasi revolta para que apellou o partido progressista quando o ultimo gabinete regenerador reformou a Carta adogada, e depois quando se arrojou a dictadura? quem?

As gazetas apellaram para o povo, as phrases tão velhas quanto sacramentaes; levanta-te, povo! acorda do teu somno! escreveram-se muitas vezes, repetiram-se semanas consecutivamente. Accusaram o povo de indifferente quan-

do elle via que o governo coarctava a sua liberdade constitucional e ao mesmo tempo fazia reformas impossiveis, capazes d'absorver todos os rendimentos publicos. E, apesar d'isso, enquanto esse partido chamava o povo à revolta, celebrava *accordos dignos* para que uns certos deputados não fossem expulsos da camara.

Ao passo que os clarins partidarios tocavam a unir para a revolução engendrada nos altos circuitos, o povo abria-se n'um sorriso ironia, encolhia os hombros com despezo. E lembrava-se de que amanhã quando esse partido empolgasse as redes do governo faria peor do que os seus predecessores, commetteria os mesmos crimes contra a liberdade, porque essa liberdade finha por base a Carta, um farrapo sem o respeito de ninguém—esbanguaria os rendimentos publicos porque atraz d'elle iria a turba dos esfaimados, o grupo dos pedintes, esperando ansioso, de bocca aberta.

E não se enganou. Poucos dias depois de ter subido o partido progressista, tendo por divisa *liberdade, economia e moralidade* apresentava todos os empregados das secretarias que lhe não eram affectos, dando-lhes gordas gratificações e alguns titulos honorificos, para que elles não oppoem difficuldades—e, mais tarde, proclamava a dictadura como um meio indispensavel para poder governar. E o povo ao ver a coherencia dos politicos abriu-se n'um sorriso de ironia, encolhiu os hombros com despezo. A liberdade fôra mais uma vez protergada, e mais uma vez se mostrou a inutilidade da velha e esfarrapada Carta que nem já serve para levantar como estandarte de revolta, porque ninguém por ella tem respeito.

Abençoado indifferentismo.

POLITICA CONCELHIA

OS SELVAGENS

O medonho cataclismo por nós previsto quando encetamos a lucta contra o estado anarchico e brutal da politica vergonhosa que um grupo fazia n'este concelho, rebentou dominguo passado, com toda a sua força, com todas as suas consequências más.

Successivas amnistias legitimas e illegitimas, fundadas umas no perdão ultimamente concedido, outras *arranjadas* pela politica do delegado da comarca fizeram com que os desviados esquecessem completamente as disposições da lei Penal.

Firmados na protecção que lhes dispensa um alto triumpho politico, na *benevolencia* do agente do ministerio publico n'esta co-

marca, espantaram sem motivo algum cidadãos pacificos e inermes.

Eram verdadeiras selvagens. Selvagens no furor, no rancor com que arremettiam; selvagens na covardia porque só atacavam juntos e contra quem se não podia defender. Os acontecimentos de dominguo crearam victimas, mas não alcançaram proselytos: os acontecimentos de dominguo representam apenas o estrebuchar da canalha que se revolva na lama, que procura vingar-se da derrota irremediavel que ha de soffrer no dia 14 de novembro.

Cremol-o bem, ninguém, em todo o concelho, pertença a que partido pertencer, poderá approvar os actos indignos, infames que os arruaceiros ahí praticaram em plena praça publica, quando se effectuava o mercado. Muitas familias soffreram consideraveis prejuizos, muitos pobres perderam, e por isso todos, todos os homens que tem respeito pela boa ordem da sociedade, pela propriedade de cada um, amaldiçoará a gentalha que se serve de todos os meios, não para vencer uma eleição o que é impossivel, mas para exercer vinganças odiosas e mesquinhas.

Domingo, deviam ser 6 horas da manhã quando os administradores do concelho appareceram na praça, de companhia com o chefe politico do grupo a que pertencem. Na vespôra os senhores de duas companhias *amigas* convocaram os pescadores para apparecerem ás 5 horas da manhã n'uma casa situada na praça, onde se tinham mandada collocar *bordões*, para... manter a ordem.

Os tres commandantes que deixamos apontados mandaram dar bebidas aos pescadores para os animarem.

Isto passou-se até as 7 horas. Em seguida os dous administradores do concelho sahindo da casa, onde estavam em companhia dos pescadores e da *troupe* dos arruaceiros, de que sempre andam cercados, vieram para o local do mercado e dirigindo-se aos lavradores que por alli estacionavam arrancaram-lhes os paus a pretexto de manterem a ordem publica.

Alguns entregaram-nos immediatamente, outros resistiram. A estes ultimos as autoridades deixavam-nos em paz, aos primeiros dirigiam insultos. Este procedimento generalizou-se, e ja qualquer pescador e qualquer *zezeze* se julgava no direito de arrancar os paus das mãos dos seus donos.

Pescadores e arruaceiros embriagados não se contentaram com isto.

A primeira vittima foi um lavrador de Vallega por appellido o *Mau-cabello*. Dirigiu-se a elle um pescador e agarrou por um braço: immediatamente cahiram sobre elle uns poucos de individuos in-

cluindo o proprio administrador do concelho, Augusto Corrêa da Silva e Mello, maltratando a ponto de agredido ter de cabir no chão e perder os sentidos. A segunda, o cantoueiro da estrada districtal por appellido, o *Baeta*, espancado junto à Praça da hortaliça. A terceira, José Maria da Graça, official da camara, espancado, roubando-lhe os aggressores uns mandados da camara e uma depreçadas. A quarta, a mulher d'este espancado por gritar que accudissem a primeira vittima.

O mercado, que estava então na sua maior força, levantou-se immediatamente, soffrendo principalmente as vendedoras de cereaes.

A força do regimento n.º 23 que aqui se acha estacionada, sahiu immediatamente do quartel, mas o administrador do concelho conservou-a sempre a distancia bastante para não perturbar os aggressores na consecução dos seus fins; e até quando estes acabavam de espancar a primeira vittima: e uma das praças prendeu João Pacheco Polonia, o administrador intimou-a a immediatamente saltar, dizendo que quem allí mandava era só elle. O criminoso foi solto para continuar as suas proesas.

Entretanto, junto a auctoridade a gentalha dava *morras* aos do partido adverso.

Terminada a desordem a força andou a mostrar-se ahí pelas ruas, em apparato bellico para defender as costas ao administrador do concelho e aterrorisar o povo.

E manifesta a convencia da auctoridade com os desordeiros. Deu-lhes inteira liberdade, encheu-os de vinho, para commetterem os desacatos à lei, que todos presenciámos.

Sr. Ministro do Reino, o estado anarchico d'Ovar é impossivel. Os actuaes administradores do concelho, delegados de confiança de V. Ex.ª são os primeiros a incitar a desordem, promettedo a impunidade aos criminosos: são incapazes de fazer uma politica serã e honrosa, porque não tem intelligencia para tanto: desacreditam o partido em que, dizem, militam, porque apenas querem saciar os seus rancores, os seus odios pessoases: não offerecem garantias algumas d'ordem.

Pedimos providencias, não porque tinhamos medo d'elles ou dos seus partidarios, não: e apenas para amanhã não termos de apresentar as nossas forças, de exercermos represalias. Se isto succeder, se essas providencias se fizerem esperar, nós não responderemos pelos crimes que os commetterem, nós não poderemos ser condemnados pela desforra que houvermos de tirar.

Elles não são politicos, são selvagens; elles ameaçã-nos e nós teremos de repellir essas ameaças, defendendo-nos. Por isso Ovar será amanhã um campo

de lucta, onde as victimas junçarão o chão das praças, sómente porque elles, esses administradores indignos, lançam mão da força para nos intimidar.

Povo d'Ovar, lembra-te de que essa gente ignobil, pequena, e sem ninguém que a auxilie, apenas cercada de 100 arruaceiros, muitos d'elles sem modo de vida conhecido, quer aterrorisar tudo para affastar a gente serã e cordata de ir à urna. Domingo, espancaram quatro individuos, porque ninguém estava prevenido. Esse grupo que se appellida *limonada* estava unido, todo. Não tem mais ninguém dos que lá appareceram e contudo o concelho tem milhares de eleitores que reprovam os seus actos.

Elles sós em campo, ainda tiveram medo da reacção e por isso valeram-se da força para impedir algum movimento de opposição.

São selvagens e covardes. Antes do dia da eleição não de experimentar a nossa força, não de saber como nos sabemos oppomos ás suas infames investidas.

Lembre-se todo o concelho de que os actos de dominguo são o estrebuchar da canalha que vê a derrota do dia 14 de outubro.

Avante pois, que uma victoria brilhante coroará os nossos esforços!

A FORÇA!

E innegavel que n'este momento estamos assistindo a derrocada mais assustadora da dignidade e honradez politica que já mais se viu. Acabou a segurança pessoal aqui, no centro, n'uma terra que se diz civilizada. E' um brado de indignação o que hoje levantamos contra as arruças selvagens, contra as desordens indignas que por ahí se ferem, de noite, pelas ruas.

Temos assignalado varios crimes que se commetteram todos os dias encobertos com o nome de politica e é por isso que n'este lugar os tratamos, ainda que improprimamente.

Para nós os auctores dos crimes não valem nada hoje. Elles ficaram encobertos com a grande capa, com a salvaguarda dos chefes e é a esses a quem temos de exigir responsabilidade.

Porpalam por ahí os chefes da *troupe*, que as eleições se não de vencer *por força*. São as proprias auctoridades administrativas que o teem dito por mais do que uma vez a quem quer ouvir: são portanto ellas as unicas responsáveis por este estado anarchico, que cobardemente por ahí se expande. Não

nos referimos a um ou a outro atentado, referimo-nos a todos os que se teem dado ha perto de um mez.

Não ha uma só noute em que se não ouçam tiros, não ha um só dia em que se não veja uma arruaça feita a cidadãos desprevenidos, serios, que passam.

E' impossivel este estado anarchico, selvagem. Contra elle nós temos insurgido sempre e para elle chamamos a attenção das auctoridades judicias.

Politica! Pois pode-se chamar politica a crimes continuamente praticados em presença das auctoridades administrativas sem que estas procedam? pois pode-se chamar politica ás arruaças vergonhosas que para ahí se veem a cada instante.

A politica do concelho degenerou no que por ahí se está vendo. Em vez de guerra leal e seria, vê-se um bando explorar, ameaçar, ferir cidadãos pacatos que se não importam com politica.

Se vier o tempo das represalias, se amanhã, quando o sr. administrador do concelho passar só, o espancaram brutalmente, de quem se deve queixar? Foi o sr. administrador quem inaugurou a epocha do cabralismo, com uma differença apenas — é que quando poz em pratica o seu plano não se lembrou de que a auctoridade que as leis lhe conferem não o salvaguardam d'um offendido a quem recusou justiça e agora se vingá.

Lembre-se, sr. administrador do concelho, que o grupo adverso tambem pode pagar olho por olho, dente por dente. Lembre-se de que amanhã quando estiver só, um grupo, em numero igual aquelle de que se tem servido como medida de terror, o pode atacar, lhe pode tirar a vida até.

No dia das represalias a lucta ver-se-ha a cada canto, em todos os dias. Os caceteiros porão em risco a vida de cada um, e nem já haverá a influencia benefica das auctoridades para nos servir de amparo, porque foram ellas as primeiras a trilhar o campo invio da vindicta particular.

Agora, no estado perigosissimo, em que nos achamos, não ha respeito algum, não ha seriedade. Estamos á mercê do primeiro que se lembre de attentar contra a nossa existencia.

E' o estado a que nos trouxe essa politica pequena, mesquinha contra a qual sempre nos temos levantado; é a esplosão dos rancores, pessoas em toda a sua hodiandez, em todo o seu cynismo, sem freio e sem temor de ninguém.

Amanhã teremos de fugir todos d'aqui para deixarmos á vontade os canibais d'um e do outro grupo a devorarem-se, a cavarem as suas furias pequenas, grutescas.

E para que tudo isto? Para o vencimento d'umas eleições que não-de ir por força.

Nunca vimos a um representante do governo, a uma auctoridade encarregada de velar pela segurança publica proferir estas palavras desordeiras, vergonhosas mesmo, por serem ditas por um administrador do concelho.

O vasto campo eleitoral não será sufficiente para empregar toda essa força que se manifesta apenas em ameaças?

O campo eleitoral não será bastante largo para fazer uma conquista rasoavel?

E' preciso que o digamos muito a serio: aquellas palavras por força, empregadas por um adm-

nistrador do concelho são synonymas de muito pouca força.

Peçam, implorem á porta de cada votante, mendiguem por ahí se querem, se podem, vençam mas vençam nobremente sem arruaças, sem esse por força que de nada vale, que nenhuns resultados pode dar. Os partidos medem-se por o numero de homens que militam n'elles e pelo talento dos chefes.

Mas não é assim infelizmente que se comprehende entre nós a politica.

A politica faz-se com arruaças e com desordens e depois lá está a grande capa dos chefes e das auctoridades para cobrir tudo.

Infeliz terra, explorada tão indignamente por meia duzia que se acobertaram com a capa d'um partido para exercerem vinganças pessoas, á sombra dos eleitores e do poder que lhes conferiram?

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O cenaculo em exercicio. — Os que fallam e os que dizem appoiado. — Os que engraxam botas e os que se elogiam a si-mesmos. — Salta morte de tyranno a um, e comer a dois! — A fome leva sempre ao crime.

Era noute, o vento prepassava docemente por entre as arvores encharcadas pela chuva miudinha d'ainda ha pouco.

Vago silencio envolvia tudo. E só lá ao longe se ouvia de vez em quando o som compassado d'um pau ferindo lata. Ia-se aproximando.

D'ahi a pouco um pobre louco, vestido de farrapos, dobrava a esquina. Rufava fortemente na lata que trasia presa á cintura e chamava a conclave, para a grande reunião, o troço disperso dos perdidos. Berrava depropositadamente dando vivas aos seus partidarios e pedia-lhes que apparecessem.

Exigia-o a salvação do partido desconjunctado, perdido.

E elles lá iam: esgueirando-se, envoltos em cumpridos gabões, occultando-o o rosto, abordavam o centro augusto, onde fatalmente, irrevogavelmente se iria pedir a cabeça do tyranno.

Sentiam a alma encher-se de indissivel alegria: ao menos illudirse iam por alguns momentos pensando na victoria almejada. Bem sabiam que isto não era possivel mas mais vale a illusão do que a realidade triste, fria.

E foram. Aguardava-os á chegada os ultimos parvenus que sentiam o estomago a pertar-se com fome, que arremessavam de vez em quando palavras lugubres: tenho fome! quero empregos!

A vasta mercearia ordinariamente deserta, enchia-se d'animação desusada. Grupos conversavam aqui e além perdidos na meia luz que dava um economico candieiro de petroleo, até que uma voz forte berrou — então vamos a isto, ou não, eu tenho que fazer!

Magnifico tomou a dianteira, abriu uma porta estreita e avançou para a escada envolta na mais completa escuridão tacteando as paredes; lá foram subindo uns após outros. Entraram n'uma salita pequena, quadrangular. Ao

fundo defrontava-se a meza acompanhada de tres cadeiras — era o logar da presidencia.

D'ahi a pouco o cenaculo estava em exercicio.

— Sr. presidente, eu peço a palavra.

— Tem a palavra o meu nobre amigo.

— Sr. presidente, sr. futuro presidente, eu pedi a palavra para somente declarar (appoiados) que elle não veio, mas eu vim (muito bem) e que como tal cá eston eu para o representar (appoiados) e por isso eu dou assim como elle da (aparte — diz bem muito bem, porque nós estamos em dar) por o que eu fizer e mais por o que os amigos fizerem (vozes, muito bem, appoiado).

Presidente — ninguem mais quer a palavra?

— Quero-a eu.

— Então o sr. tambem por cá!

— E' verdade, senhor, eu ainda ha pouco pedi um despacho de delegado e prometteram-mo; assim com'assim quero vêr se presto serviços á causa, aquella dita causa, o senhor bem sabe.

— Bem, se quer a palavra, pode-a tomar.

— Meus senhores, eu faço um brilhantissimo discurso, n'uma linguagem fluente e correctá, (appoiados), apesar de que ainda ha pouco eu não era assim (appoiados), eu ainda ha pouco, segundo os oráculos da terra, era um patife, um tratante (appoiados), um maroto e muchas cosas mais vozes — (muito bem! muito bem!)

Presidente — não diz mais nada?

— Não senhor, estou satisfeito.

Presidente, meus senhores eu vou encerrar a sessão... Um do lado — ó senhor, ó illustradissimo, amantissimo, intelligentissimo sr. presidente, eu tambem quero dizer ao que vim.

— Pois você atreve-se a vir fallar aqui, no meio de nós?

— Se v. ex.ª consente é se os meus protectores me ajudam com o seu silencio eu não tenho duvida em... em... em me arriscar a dizer duas cousas. E a voz tremia-lhe, atrapalhava-se ao ter de fallar perante a assembleia augusta: olhava para D. Magnifico que encolhia os hombros e retorcia, junto á casa alvar, o alourado buço.

Presidente — vá lá tome a palavra mas não masse as partes.

Dignissimo sr. presidente, meus senhores, as gargalhadas dos pardaes e as esfolhadas animadas ao som do bandolim que eu vou arranhando menos mal, as raparigas d'olhos negros, retintos, e as raparigas d'olhos azues, levaram-me á convicção de que eu sou um protento (vozes — mau, mau temos massada). Meus senhores, o orador precedente fallou n'uma desercão vergonhosissima e aquillo foi, com certeza, piada jogada descabelladamente á minha pessoa (appoiados).

Mas não façam caso d'aquillo, porque elle ainda está resentido das pasquinadas que eu contra elle dirigi. E' verdade, meus senhores, que a gargalhada dos pardaes, as esfolhadas... (aparte — ó homem deixe-se de massadas).

Pois, sim meus protectores, eu entro no assumpto (appoiados). Eu desertei 5 vezes (appoiados).

Quando fui expulso do seminário e tinha não que comer fui ter com... (vozes — diga lá). Não meus senhores eu não quero dizer, todos sabem. Pedi com que matar a fome e todos me soccorreram, me-

nos os que me ouvem, porque nenhum me quiz dar um ceutil; depois fiz-me progressista e como tal disse mal dos que me tinham ajudado; depois fui republicano e escrevi por bastante tempo para um jornal do Porto e os senhores ainda se lembram da péga que tive com o jornal de que agora sou redactor; depois fui verrinista no «Districto d'Aveiro» e insultei infamemente, aqui, o intelligentissimo senhor presidente, e agora eis-me no nosso seio, presto-vos o meu apoio com a condicção de se me pagarem bem os meus serviços.

Eu bem sabia meus senhores que o meu prospicante me havia de jogar esta bisca, mas eu tambem tenho triumpho para lha cortar (voze) — vamos a isso, vamos a isso).

Meus senhores, eu já tenho mais de 21 annos, que não sei se sabem, é a maioria legal (aqui D. Magnifico mostrou-se admirado), e já devia ter juizo, mas não tenho. Eu estou a dar espectaculo mas não me importa. Ja que o preopinante quer, vamos para a frente.

Todos sabem que o meu preopinante vai sempre mais cedo para tomar chá, pois elle tambem se retira dos partidos quando elles cahem para ver se toma empregos (appoiados).

Elle foi progressista ainda ha pouco, depois regenerador por causa de certo logar; agora novamente progressista por causa da delegacia (appoiados).

Mas, meus senhores, ninguém se admire das nossas desercões, porque, salvo dous ou tres dos circumstantes, todos vieram de lambar as botas ao inimigo. Eu não quero principiar pela presidencia porque d'ahi por diante era um varrer; até acolá ao fundo, até aquelles tres senhores, que estão ao pé da porta, ninguém escaparia.

Deixemos porem estas cousas que não cheiram bem, e vamos a outros pontos.

Julgo que o melhor meio de fazer politica é insultar; eu quero insultar toda a gente, mesmo os que me deram pão, pasquins, muitos pasquins (appoiado da presidencia) vamos para o insulto que é o melhor (uma voz do fundo — vamos mas é para ocatete! — riso). Os senhores não levem isto para a hexiga, porque então escanga-lha-se tudo.

Presidente — Acabe com isso que aquelles dous influentes estão já a dormir.

Orador — Eu acabo já, meus senhores, e acabo fazendo a seguinte proposta:

«Proponho que as gargalhadas dos pardaes, as esfolhadas, digo, proponho o meu bandolim, os olhos das mulheres, digo, proponho que vamos amanhã pedir, todos juntos, votos, em grande procissão.»

(assignado) Marcellino.

Em seguida foi posta á votação e approvada por unanimidade.

O presidente levantou a sessão.

Principiou a grita: todos fallavam ao mesmo tempo. Do lado, uma voz mais forte berrou — ó rapaziada d'esta vez é que nós para lá vamos: é preciso acabar com elles, morra o tyranno! morra! E aquellas boccas esfaimadas abriram-se todas ao mesmo tempo a reclamar um pedaço dos bens municipaes.

A tempestade serenou, o presidente fallava com D. Magnifico

que dizia — safa que se estes se pílham lá de dentro não nos deixam nada, são peores do que aquelle celebre João que voce muito bem conheceu.

Parte do clero que ao principio assistira, tinha fugido horrosado — é que lá pela aldeia os corações ainda não estavam tão empedernidos, o roubo não era o unico alvo a que se mirava.

Os dois tiveram sempre grande geito para a adulação, curvavam-se enquanto precisam, e ao mesmo tempo vão afiando a garra para ferir depois de servidos: os dois, producto genuino do meio em que viveram rastejam humildemente, rojam-se aos pés do patrono, imploram chorando, pedindo os magros cobres dos bolsos ou os empregos rendosos. Descem á ultima abjecção para depois ferirem commettendo as maiores villanias: os dois abrem-se n'uns pasmos de bajulice, sorriem-se da mesma forma, approvando tudo sem consciencia e depois elogiam-se, dizem-se uns protentos; invocam ambos as musas para lhes darem grandes pontapés, rasgarem a pobre metreficção que nunca lhes fez mal, roubarem aos autores os titulos; as ideas e os proprios versos e depois dizem-se originaes.

Arcades ambo!

Cercados da enorme turba avinhada, em campo brandindo armas prohibidas, eram valentes, eram audazes, eram unicos. Corriam d'um ao outro extremo, por entre mulheres medrosas, se-meanito feijão, roubando padas, empinando copos que um só pagava; gritavam em altos brados: morra o tyranno. Os desgraçados sonharam, durante muito tempo, que uma musica viria tocar á praça, e elles, os reprobos, os vingativos ridiculos armaram zezeres e mellos e vieram empinando grandes copos, pedir a cabeça do tyranno.

Entretanto, junto á grande arcada, os dois, juntos agora, sorrindo-se um para o outro berravam: — quero um emprego! quero comer! quero mesadas!

E o presidente desconsolado, aborrecendo já essa turba-multa que o não attendia, perguntava ao vento se era capaz de o definir. O vento perpassando por entre as arvores encharcadas ainda pela chuva miudinha parecia soltar uma gargalhada.

Os dois tinham fome: os pescadores ebrios tinham fome: os aspirantes á administração do municipio tinham fome. Todos queriam, todos querem, comer.

Comer, comer — eis a divisa, eis o estandarte que alçam.

A fome é má conselheira; a fome faz revolver em maus sonhos o desgraçado de quem se apossa: a fome convence, arrasta e impelle até aos maiores attentados — eis a razão porque elles os esfomeados pensaram na musica que havia de vir tocar, na grande manifestação, a que se queriam oppor.

E todos aquelles morras que, riam dizer apenas: temos fome, queremos comer.

Comer! comer!

E a arcadia dos Paços do Concelho, fica, insensivel, deixava a tempestade alcoolica reboar, desfazer-se e esperava a occasião do socego para continuar a dominar altiva sobre os insignificantes ridiculos onde o alcool, fervia em grande quantidade.

E parecia dizer: Sicut valeas ut farina es.

O delegado da comarca

Ninguém, em toda a comarca, desconhece quanto o sr. dr. Ignacio José Monteiro tem sido parcial no exercício das suas funções, e contudo nós queremos-as tornar bem frisantes, agora que o sr. delegado do procurador regio abandonou a comarca, para fugir ás censuras.

Publicada a lei d'amnistia para os crimes politicos, o sr. dr. Ignacio tomou-lhe tanta afeição, estudou-a tanto que applicou muitas vezes a crimes que não recahiam na sua alçada ou a outros que foram praticados depois d'ella. Alguns casos de espancamentos que se deram, depois de publicada a lei, sem que n'elles influisse a mais insignificante circumstancia por onde se podesse colligir do seu caracter politico, o sr. dr. Ignacio vendo que se achava n'elles envolvido, como criminoso, algum amigo da situação, mandava como mandou archivar os processos, dando assim a impunidade, concorrendo para lançar esta comarca na desordem e na anarchia.

Nós não precisamos de citar os nomes dos que figuram n'esses processos, porque ainda estão na memoria de todos, para eterna vergonha do magistrado menos digno que durante algum tempo exerceu nesta comarca o importante cargo do ministerio publico.

Ignacio José Monteiro serviu com todas as suas forças, com toda a sua escassa intelligencia uns politicos que lançavam mão das arruaças; collocou-se ao seu lado para salvar os proselytos das garras da justiça.

Não era um magistrado recto, imparcial, prompto a cortar direito, a reprimir os abusos; — era o cacique protector dos vaudalos que desorganizavam a sociedade.

Por isso nós hoje temos a saldar contas com elle: nós tornamo-lo responsavel pelas actos vergonhosos e indignos que os seus amigos praticaram. E' justo que pague.

Se o sr. dr. Ignacio tivesse cumprido como lhe mandava a lei muitos individuos teriam expiado os seus crimes na cadeia e não andariam agora á solda e mettendo os maiores disturbios.

Mas o sr. dr. Ignacio pensava apenas em duas cousas — no dinheiro que poderia ganhar, e no meio de se dispor bem com o governo.

Com o crime não ganhava elle dinheiro, e não dava honras porque eram os amigos do governo os unicos incriminados. Portanto o melhor, e unico meio era acabar com esses processos, muito embora os interesses da sociedade fossem gravemente lesados.

Para o sr. dr. Ignacio não ha interesses sociaes, para elle ha apenas o interesse particular tão arreigado, tão firme que jamais poderá ser postergado.

Por muito tempo, cercado da fama de pouco intelligente, os seus actos ainda que um pouco anormaes passaram despercebidos; depois quando todos viram que a politica entrava n'elles accordaram para reclamar justiça, para fustigar o empregado menos digno que apenas tinha por fito arranjar-se.

O arranjo foi sempre a nota predominante em toda a vida publica do sr. dr. Ignacio José Monteiro.

Novidades

Os politicos — Sob este titulo iremos apontando todos os crimes que o grupo, a que pertencem as auctoridades, for commettendo.

— Quinta-feira da passada semana, uns poucos de individuos reconhecido por toda a gente como arruaceiros postos ao serviço dos chefes, vieram procurar-nos a nossa casa.

Rimos-nos das provocações e reservamo-nos para tirar desforço quando viessem os mandantes em logar d'aquelles desgraçados.

Mas este grupo não se contentou com esta provocação. Dirigiu-se á rua de San'Anna a casa do sr. Antonio d'Oliveira Gomes Dias, dirigindo-lhe os maiores insultos, forçando a porta a ver se a arrômbavam.

Depois foram a casa do sr. Antonio Lamy, escrivão de direito da comarca d'Agueda, que n'esse dia se achava em casa. A familia d'este cavalheiro pôde obstar a que elle sahisse a castigar os provocadores.

Em seguida foram fazer arruaças á porta do sr. Abel Lamy. Aqui não foram felizes. O sr. Abel Lamy sahiu de casa, sem arma alguma, mas conseguiu arrancar um pau das mãos d'um dos arruaceiros e tosco-os a bem tossar, a ponto d'elles terem de fugir.

Reprovamos o procedimento do sr. Abel Lamy, em primeiro logar por fazer caso de provocações de gente que nada têm a perder, e que fazem aquellas cousas apenas por lhas mandar fazer os cabeças bastante covardes para arcarem com as responsabilidades d'uma desforra — em segundo logar por se expor a ser vitima d'alguma navalha com que esses miseraveis andam sempre armados, com grande gaudio das auctoridades administrativas.

Como elles não são responsaveis por taes actos, é melhor tirar desforço de quem os manda.

Domingo por occasião das desordens, a que nos referimos em outro logar, foram rasgados os jornaes, o «Correio da Manhã» e o «Povo d'Ovar».

O grupo julga que é melhor supprimir a imprensa que põe bem claros os seus desmandos se crimes.

Com rejeição ao nosso jornal o caso passou-se pouco mais ou menos do seguinte modo:

Quando o nosso entregador passava proximo ao chafariz, dirigiu-se a elle José da Fonseca Bonito, e intimou-o a largar os jornaes em nome do sr. administrador do concelho; o nosso entregador não fez caso e então José da Fonseca Bonito tirou-lhos e rasgou-os.

O nome da auctoridade anda já tão desacreditado que não vale mesmo a pena perguntar se o administrador do concelho deu tal ordem. O que é facto, é que todos os acontecimentos de domingo foram praticados em nome d'ella.

Os exemplares do «Correio da Manhã» foram rasgados, por um grupo, na rua da Fonte.

D'este como dos outros factos foi já dada participação á auctoridade judicial.

— Terça-feira, de noute, seriam talvez 11 horas, João Sucena e outros dos da troupe, conscios da sua impunidade, tiveram grande altercação com a sentinella que estava de guarda ao quartel. A sentinella prendeu-os a todos com

o auxilio dos camaradas que estavam dentro do quartel.

Depois veio, segundo uns o commandante do destacamento, segundo outros um cabo e pol-os todos em liberdade.

Resta saber que o commandante ou o cabo eram auctoridade competente para soltarem individuos presos pela sentinella aquellas horas da noute e pelos motivos que houve.

A unica rasão plausivel para justificar o commandante ou o cabo era elles serem cúmplices dos administradores do concelho em todos os attentados até hoje praticados.

— Quarta-feira, pela manhã foi agredidos no Largo de S. Miguel Manoel José Leroigao, por um dos mandatarios do grupo. Escusado será dizer que a auctoridade administrativa faz vista grossa sobre o caso.

— Epilogo. Todos os dias e a toda a hora se insultam os cavalheiros que passam proximo do escritorio de administrador do concelho. Mellto, mas em compensação este sr. nunca vae para casa, ou passeia em qualquer rua, sem um grupo de caceteiros para lhe guardar as costas. E' a consciencia dos bons actos que praticam.

Homicidio frustrado. O processo perante o poder judicial. — Hoje só temos a lonvar o sr. dr. Christovão Coelho da Costa Pessoa por o modo como procedeu no exercicio das suas funções como delegado de procurador regio n'esta comarca.

Indo-lhe o processo com vista o sr. dr. Christovão Coelho promoveu que se continuasse o corpo de delicto indirecto com as testemunhas apresentadas pelo queixoso. Louvamos o sr. dr. Christovão por elle ter cumprido as leis, porquanto temos a certeza que, se o sr. dr. Ignacio, delegado effetivo estivesse exercendo o seu cargo, o processo seria archivado.

E' tão extranhavel o procedimento do sr. dr. Ignacio n'este processo como o foi em muitos outros, onde apenas se dirigiu pelo desejo de agradar aos politicos. Até agora somente tinham jurado as testemunhas dos reus, apesar de logo em principio o queixoso ter apresentado as suas!

O sr. dr. Ignacio inverteu completamente a ordem do processo, simplesmente para dar a impunidade aos seus amigos.

Um delegado á verdadeira altura d'esta infeliz comarca.

Theatro — Dizem-nos que um grupo d'amadores d'esta Villa tencionam levar á scena brevemente o drama—*Gaspar, o serralleiro*.

Estimamos deveras ver no palco os nossos artistas que já em tempo mostraram ter bastante vocação para a arte dramatica.

Tenham os amadores a certeza de que encontrarão bom acolhimento nos seus conterraneos que não consentirão em arruaças como as que alguns, poucos, individuos fizeram em quanto esteve entre nós a troupe dramatica lisbonense.

Fallecimento — Em Vallega falleceu uma tia do nosso presadissimo amigo o sr. dr. Duarte Pereira de Amaral.

Os nossos sentidos pesames.

Representação da camara — A camara d'este concelho reunida em sessãõ extraordi-naria na segunda-feira passada resolveu representar a El-rei contra os tumultos de domingo e contra o procedimento das auctoridades administrativas n'esse dai.

«Nove de Julho» — Recebemos a visita d'este nosso filiado collega na imprensa. Filiado no partido democrata defende as suas idéas.

Agradecemos visita tão honrosa.

Movimento crime na comarca — Estão para ser julgados approximadamente 100 processos de policia correccional.

Já é... **Delegado da comarca** — Dizem-nos que o sr. dr. Ignacio Alberto José Monteiro pediu a sua transferencia para Villa Nova de Famalicão.

Que as auras o levem e o dinheiro o sacie.

LISBOA

Lisboa 20 de setembro de 1886

Seja-me licito fallar aqui das cousas locais da terra para onde escrevo estas humides cartas. Não tenho n'ella interesses pessoais nem politicos — Tenho amigos e se de um lado estão alguns a quem me prendem os mais fortes laços da afeição pela gratidão e por muitas provas de amizade, pelo outro estão pessoas que também respeito e estimo. Este preambolo vem para provar que sou imparcial na apreciação das pessoas e dos acontecimentos.

Surprehendeu-me pouco a declaração que vi no ultimo numero d'este jornal a respeito da coligação estabelecida entre o sr. José Fragateiro e o sr. Aralla. Surprehendeu-me pouco, por que, attendendo ao character das pessoas que eu via em lucta, embora no mesmo partido, ha tanto tempo — e attendendo tambem ao que se tinha passado, eu ja esperava semelhante resultado.

Ninguém imparcialmente, poderá dizer que não era esse o caminho para que os progressistas modernos de Ovar imporravam o velho historico e progressista o sr. José Fragateiro.

Parece que o homem franco, generoso, popular e activo, embora de genio arrebatado e cioso dos seus direitos mettia medo aos que viam n'elle um estorvo para ambições desmedidas ou menos justificadas.

E, pondo de parte os interesses partidarios que elles não zelam e a que se não prendem, trataram de satisfazer os rancores pessoases, fazendo com que os brios do sr. José Fragateiro o levassem a um passo violento, mas plenamente justificado pelo que diz respeito ás cousas e pessoas locais.

Note-se que temos como certo que o partido progressista de Ovar não foi consciente n'este mau passo politico; deixou-se levar por aquellos que, não sendo como nunca foram, do seu partido, se ligaram agora a elle, quem sabe se muito de proposito para tirarem este resultado.

E' esta a minha opinião, por que conheço os homens do actual partido progressista de Ovar. Dos artigos, d'aquelles que a opposição viu unidos, e o governo de 1880-1881 viu promptos a todos os sacrificios, os mais preponderantes são quasi todos amigos pessoases do sr. José Fragateiro e sabem quanto o seu partido deve ao homem que, com completa isenção e inteira lealdade, sacrificando o seu socoço e arriscando a vida mais do que ninguém, como nenhum outro fasia sacrificio da sua

bolsa para tudo e para todos. Raro é o homem do actual partido progressista de Ovar, que não deva ao sr. José Fragateiro serviços pessoases, prestados com a mais despreñdida generosidade e abnegação.

Estes deviam ser os primeiros a sustentar contra os zóilos e os zóilas o seu companheiro e amigo, e nunca deveriam ser os primeiros a desconsiderar e separar de si este, para abraçar os que ainda hontem, nas grandes luctas e tribulações do partido, viram contra si.

Os poucos benemeritos da lucta até á queda de 1881, tinham conquistado com tanto heroísmo as esporas de ouro, que deviam considerar-se como uma especie de nobreza, onde não tivesse entrada se não quem de essas mesmas provas, quem fizesse, primeiro, os mesmos sacrificios. Bem mereciam esta distincção os que, sem uma tranzigencia, sem descer um dos degraus tomados com tanto valor e perigo sem deixar que o coração lhes entrasse o medo que a tantos suffocava, viram, sobranceiros e firmes, a arraia miuda zoinar desvairada em 22 de março de 1881 e nos dias que se lhe seguiram.

Os seus companheiros de tantos perigos e heroismos não seriam os primeiros, pois, a guerriarem-se, mas deixaram que nos seus ouvidos tomassem preponderancia as palavras injustas e, talvez, traiçoeiras, dos herdeiros na herança, de tão honrosos titulos, sem direitos comprovados.

Foi necessario que entrasse para as cousas do districto um director novo, tambem, para que se desse um tão profundo golpe na politica progressista de Ovar.

Mandar no que encontrou feito e forte e dar como sua a obra que não fez mais do que adoptar-o, favorece-lo, dar-lhe importancia, e deixar cabir, esfacelar-se desapparecer o que podia dar trabalho e demandava tato e delicadesa, é a obra com que pôde glorificar-se o sr. dr. Francisco Mattoso.

Naturalmente s. exc.ª hade dar-se como estranho ao caso, para se não confessar assim envolvido no cheque applicado de homem que elle disse havia pelo esmagar e fazer desaparecer da politica d'Ovar. É que o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso tem jactancias irrisórias e no grande vulto da sua corporatura e da sua posição, imagina-se de uma omnipotencia que eu, como outros, tenho o direito de achar ridicula.

Nos outros concelhos do districto d'Aveiro, onde a politica progressista estava e se politica forte, diz-se o sustentaculo e director, faz e desfaz combinações a seu bello prazer — em Ovar, como as cousas dêram em resultado um recuo que sou o primeiro a lamentar e ao qual, se me desculpam a revelação, oppuz todas as delicias compatíveis com a minha insignificancia, hade dizer-se agora estranho e desligado. Pois manda a verdade se diga, que uma grande parte da responsabilidade do que se está dando em Ovar pertence ao sr. dr. Francisco da Castro Mattoso.

E' possivel que os acontecimentos ainda tragam a necessidade de delexclarecer e comprovar esta asserção.

Vae grande já esta carta e por isso... não dou noticias. As que ha, também são bem insignificantes, porque a politica... dorme, apesar das eleições camararias terem já dia marcado.

Até á semana. C.

ARREMATACAO

No dia 7 de Novembro proximo pelo meio dia, a porta do Tribunal d'esta comarca, vao a praça para serem arrematadas a quem mais der, na execucao hypothecaria que Maria Thereza da Silva Cascaes, solteira, da freguezia da Murtoza, comarca de Estarreja move contra Manoel da Costa e Silva e mulher, do logar do Paço, freguezia de Macêda, as seguintes propriedades:

UMA TERRA LAVRADIA chamada o «Ante-paço», sita no logar do Paço, avaliada em 200\$000 reis.

UMA TERRA LAVRADIA chamada a «Estrada Velha», sita no logar da Carvalheira, avaliada em 250\$000 reis.

UMA TERRA LAVRADIA com um bocado de matto na cabeça do nas ente, chamada as «Prajes», sita no logar da Carvalheira, avaliada em 120\$000 reis.

UMA LEIRA DE MATTO chamada a «Arêa», sita na Carvalheira, avaliada em 15\$ reis, todas sitas na freguezia de Macêda.

Por estes são sitados todos os credores incertos dos executados para uzarem, querendo, dos seus direitos.

Ovar, 18 d'outubro de 1886. Verifiquei Brochado. O Escrivão Antonio dos Santos Sobreira. (24)

ANNUNCIOS

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:540 pessoas e ainda não fahou.—Preço 1\$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspail Remedio para a cura completa do rheumatismo, nervoso, guttoso, articular, dôres de cabeça, pontadas, contusões e amolecimento da espinha dorsal, Frouxidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dor ou inflamação: usa-se externamente em fricções.—Preço do frasco 1\$200 reis.

Contra os Callos Unico remedio que os faz cair em 12 horas.—Preço da caixa 400 reis.

Molestia de pelle Pomada Syracia, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle, as empigens, nodos, borbulhas, comichão, dartros, herpes lepra, panno, sarras, etc.—Preço da caixa 800 reis.

Injecção Guémp Et esta a unica injectao que sem danar, cura em 3 dias as pugnações em 18 dias mais rebeldes.—Preço do frasco 1\$000 reis.

Cremadas da pelle Tornar rapidamente a pelle caente e macia, dissipa as sarras, tez crestadas, nodos, borbulhas, rosão, sarabulhentio, fugas, encobre os signaes das bexigas.—Preço do frasco 1\$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em um boleto do correio a Manoel Pinho Monteiro, Travessa do Cego, 15, Praça das Flores—Lisboa.

Prevenção

Manoel José Soares dos Reis previne as pessoas que tenham objectos a concertar na sua officina de sombreiro, na rua da Praça, d'esta Villa, que os não levantar até ao dia 31 do corrente mez, porque no 1.º de novembro se retira para a cidade d'Aveiro.

Findo aquelle dia não attende-ra a reclamação alguma que lho seja feita.

Ovar, 14 d'Outubro de 1886.

A VENDA

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

Um vol..... 200

Pelo correio... 220

LIVRARIA CHARDON

CLERIGOS, 96

Francisco Peixoto Pinto Ferreira com estabelecimento de ferragens, tintas, mercearia, tabacos, molduras e miudezas.

PONTES

Nossa Senhora de Paris por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendedentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e impunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o ex.º sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume, ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribucão dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceptam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que deem abono á sua condicção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISACAO

EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

4, Rua de Santo Ildefonso, 4

PORTO

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente á sua arte, a toda qualquer cor, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis

PHARMACIA—SILVEIRA

Isaac Julio da Silveira, pharmaceutico approvedo pela escola medico-cirurgica do Porto.

PONTES

LOJA DE CALÇADO

Todos conhecem o Francisco Rodrigues de Pinho com loja de calçado alli mesmo no Largo do Hospital.

Encarrega-se de fazer toda a obra da sua arte, como toda perfeicão e por preços modicos, como é seu costume.

Desde a mais bem aperfeicoada chinella para mulher até ao sapatinho de polimento para homens tudo faz ao gosto do freguez.

Portanto é experimentar e verão como ficam satisfeitos!